

## **SEMINÁRIO**

### **PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO NA LINHA DA FRENTE**

#### **DISCURSO DO DIRETOR DO SIS**

**Adélio Neiva da Cruz**

**11MAR19**

1. Hoje invocamos, de novo, as vítimas do terrorismo. Honramos a sua memória, o seu testemunho e a sua dignidade e para que da tragédia que, inesperada e imprevistamente, irrompe pelo quotidiano de uma pessoa, de uma cidade, de um país, frutifique ainda a Esperança, colhemos os testemunhos de quem sobreviveu e sobrevive, mas, também, de quem, no primeiro minuto, se atirou para o caos e horror, com o objectivo único de velar ou cuidar do próximo.

Estes testemunhos são, também e simultaneamente, o móbil e o alicerce da estratégia de prevenção e combate ao terrorismo.

2. Ao assinalar este dia relevamos, igualmente, a resiliência das sociedades que conseguem ultrapassar as consequências dos atentados mantendo intacto o seu, o nosso, inabalável compromisso com os princípios democráticos fundados em valores e direitos civilizacionais inalienáveis.
  
3. Nesta oportunidade e tal como já referi, quero, também, enaltecer a missão e o trabalho, não só das Forças e Serviços de Segurança a quem compete garantir a segurança e o estado de direito democrático, zelar pelo respeito dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos e das liberdades públicas, prevenir e perseguir o terrorismo e restabelecer a normalidade, mas, também das instituições e entidades que têm por missão estar preparadas e reagir, com prontidão, eficácia e de forma coordenada, para socorrer, assistir e ajudar as vítimas ou minimizar as consequências de um ato terrorista.
  
4. A 2ª edição deste seminário, que o SIS pretende vir a institucionalizar anualmente, decorre num momento especialmente significativo: assistimos, finalmente, ao desterro total – não me

permito falar em fim - da organização terrorista Estado Islâmico. A mesma organização que perpetrou e celebrou os atentados de Paris, Bruxelas, Nice, Londres, Barcelona, Cambrils, Turku, Carcassonne e Maastricht.

5. Ao SIS compete, com a cooperação das outras Forças e Serviços de Segurança, a responsabilidade da avaliação da ameaça à segurança interna. Desejo, por isso, ser claro: os reveses da organização terrorista Estado Islâmico não mitigam a ameaça terrorista que impende sobre a segurança interna de Portugal e da Europa.
6. Sem estrutura organizativa hierárquica, sem território para administrar ou treinar os seus operacionais, esta organização terrorista continua, agora, nas sombras da clandestinidade, a insinuar-se noutras regiões do mundo. E ainda, de forma mais insidiosa, a mensagem, o ideário extremista, a narrativa e a mobilização à violência que difundiu, marcaram, indelevelmente, centenas de indivíduos que se encontram, actualmente, detidos e tantos outros, que, no silêncio e na escuridão, ainda hoje, neste momento, planeiam novos ataques e novas vítimas.

7. Estão assim, elencadas as ameaças que nos aguardam a curto prazo. Em primeiro lugar, a existência de cidadãos europeus ou de residentes na Europa, radicalizados e apologistas de uma doutrina violenta, que remete à apostasia os próprios muçulmanos. Ainda, a libertação, a breve trecho, de condenados por crimes relacionados com terrorismo porque cumpriram as suas penas ou são elegíveis para obter liberdade condicional. E finalmente, talvez a questão mais premente, os milhares de cidadãos europeus – homens, mulheres e crianças – actualmente detidos na Síria e no Iraque e que poderão eventualmente regressar à Europa.
8. Firmemente ancorados nos valores inalienáveis dos direitos humanos, mas também conscientes das implicações de segurança, os Estados europeus, incluindo Portugal, procuram a solução, para a qual a todos nos convocarão, em cooperação nacional e, quiçá, com recurso também à cooperação internacional.
9. Não devemos, no entanto, sucumbir à ingenuidade. Houve e há quem se tenha desiludido. Houve e há, quem tenha feito o seu percurso

interior de desradicalização. Houve e há quem esteja disponível para aceitar as estratégias de saída. Houve e há, quem tenha, de forma consciente e plena, renegado os mais fundamentais preceitos éticos e humanos que sustentam as nossas sociedades. Houve e há, quem espera apenas uma oportunidade para, novamente, ferir de terror a Europa.

Minhas senhoras e meus senhores

10. Desejo agradecer a presença e a participação de todos neste Seminário. Somos aqui, hoje, enquanto participantes, testemunho do imperativo da participação multidisciplinar: instituições do Estado, dos ministérios, das forças de segurança, da justiça, das infra-estruturas, das instituições de ajuda às vítimas e da sociedade civil. Bem hajam pela vossa presença!
11. Decidimos, nesta edição, dar um foco particular às experiências dos técnicos das linhas da frente, em dois momentos fundamentais do combate ao terrorismo: a prevenção e a gestão do incidente. Creio que, também hoje, neste seminário e com este formato, estamos a

cumprir a nossa missão de serviço público e de serviço de segurança interna.

Na prevenção, contamos com a presença de oradores envolvidos na aplicação de programas de prevenção contra a radicalização e que contam com a colaboração de pessoas directamente visadas pelo terrorismo.

Com a presença de técnicos, que são os primeiros a chegar ao local e às vítimas, gostaríamos, por outro lado, de colher e aprender com exemplos das melhores práticas na gestão de um incidente terrorista. Obrigado pela partilha das vossas experiências.

12. No manual “Vozes das Vítimas do Terrorismo”, do grupo de trabalho das Vítimas do Terrorismo da RAN, pode ler-se a seguinte frase: “as vítimas do terrorismo são os embaixadores de uma memória colectiva”.

Colectivamente, reunimo-nos hoje aqui para honrar essa memória!

Colectivamente, reunimo-nos hoje aqui para que não esqueçamos!

13. Na solenidade que o dia de hoje nos inspira, agradeço a vossa presença e desejo-vos um bom trabalho.

Muito obrigado.